

Ilza Maria Tourinho Girardi

Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br. Currículo Lattes:<http://lattes.cnpq.br/2958087259315385>

Reges Schwaab

Jornalista, doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente no curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG, Brasil. E-mail: reges.ts@gmail.com. Currículo Lattes:<http://lattes.cnpq.br/9809314817287629>.

Carine Massierer

Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: cmassierer@yahoo.com.br. Currículo Lattes:<http://lattes.cnpq.br/9413083408451219>

Eloisa Beling Loose

Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: eloisa.loose@gmail.com. Currículo Lattes:<http://lattes.cnpq.br/1991183018178937>

Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental

Paths and detours of environmental journalism

Caminos y descaminos del periodismo ambiental

RESUMO

Este artigo coloca-se no entremio de diferentes trajetos, sugeridos por textos sobre a abordagem jornalística de problemáticas ambientais. Propõe-se a descortinar as especificidades e contribuir para a conceituação do jornalismo ambiental, tomando o pensamento complexo como eixo teórico. A partir desta análise, que aponta certos descaminhos, sinalizam-se alguns percursos para pensar a operacionalização de uma prática que promova a reflexão sobre o papel da informação jornalística, calcada na óptica dos temas geradores, sugerida por Paulo Freire, e que possa dar conta dos desafios que a construção de uma racionalidade ambiental impõe. Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Ambiental. Complexidade. Temas. Racionalidade Ambiental.

ABSTRACT

This article is placed in between the different paths suggested by texts on journalistic approach to environmental issues. Its aim is to uncover the specifics and contribute to the conceptualization of environmental journalism, taking the complex thinking as its theoretical axis. From this analysis, which points out some diversions, the article signals some ways to consider the operation of a practice that promotes the reflection on the role of journalistic information, based on generative themes suggested by Paulo Freire, and that might comply with the challenges imposed by the construction of an environmental rationality.

Keywords: Journalism. Environmental Journalism. Complexity. Themes. Environmental Rationality.

RESUMEN

Este artículo se sitúa entre las diferentes rutas sugeridas por los textos sobre el enfoque periodístico de las problemáticas ambientales. Se propone a descubrir las especificidades y contribuir a la conceptualización de periodismo ambiental, teniendo en el pensamiento complejo su eje teórico. Desde este análisis, que muestra algunos descaminos, se señalan algunas vías para pensar acerca de la operación de una práctica que promueva la reflexión sobre el papel de la información periodística, basada en el punto de vista de los temas generadores, sugeridos por Paulo Freire, y que puede dar cuenta de los desafíos que la construcción de una racionalidad ambiental impone.

Palabras clave: Periodismo. Periodismo Ambiental. Complejidad. Temas. Racionalidad Ambiental.

Submetido em: 27.1.2012

Aceito em: 15.8.2012

Recontar passos

O presente artigo¹ tece considerações em torno de questões que a prática jornalística e a produção acadêmica, principalmente a brasileira, suscitam acerca do binômio jornalismo e meio ambiente e do conceito de jornalismo ambiental. As reflexões apontadas neste texto são fruto da consolidação de uma trajetória de pesquisas e estudos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul². Julgamos relevante fomentar um olhar crítico, tendo em vista o crescimento da cobertura da imprensa acerca das problemáticas ecológicas e da investigação científica sobre esse universo. A seguir são resumidas as principais razões que motivaram este texto.

¹ Versão revista de texto apresentado no 8º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo/SBPJor.

² Grupo de Pesquisa registrado no CNPq. Instituído em 2008, tem por objetivo realizar estudos que venham a contribuir com a constituição de um referencial teórico para o jornalismo ambiental. O caminho que pretende seguir aglutina os estudos das teorias do jornalismo, especialmente no campo da ética e da função social do jornalismo na construção da cidadania, com os paradigmas complexo e da ecologia profunda e a corrente teórica ecossocial sobre sustentabilidade. Em síntese, busca incorporar um olhar ecológico ao jornalismo, que contemple a sustentabilidade da vida no Planeta, a solidariedade, a justiça social e a construção da paz.

1. O advento das evidências científicas sobre as mudanças ambientais globais consolidou o ecológico como eixo recorrente de enquadramento da vida contemporânea. No jornalismo diário e especializado não faltam exemplos dessa presença, desdobrada em diferentes coberturas: cotidiano, comportamento, política e economia. Além disso, as possibilidades no universo on-line despertam um campo rico de atuação. Estes são alguns fatores que reforçam as já existentes expectativas sobre a potencialidade da informação jornalística como elemento importante na construção de soluções para uma vida sustentável.

2. O número de trabalhos acadêmicos que investigam o jornalismo e o meio ambiente tem crescido. Neles é perceptível a importância das agendas midiaticamente "partilhadas" sobre o tema, bem como as disputas de sentido entre diferentes campos sociais para sua conformação. Nos Encontros da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) identificamos 34 comunicações apresentadas entre 2005 e 2011. A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), por sua vez, promoveu dois encontros tendo comunicação e meio ambiente como tema central, em 1992 e 2008; bem como dezenas de artigos apresentados sobre o assunto. A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental já realizou quatro edições do Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental. Três delas com sessões de trabalhos científicos (2007, 2010 e 2011). Guardadas as especificidades, a maior parte dos trabalhos preocupa-se com o tipo de atenção jornalística dada à questão, sugerindo superar a fragmentação de abordagem e a descontinuidade da cobertura.

3. Mesmo consideradas as contribuições desses diferentes trabalhos, ainda não está demarcada com clareza, a singularidade do jornalismo ambiental. So-ma-se a esta constatação a recorrente tentativa de avaliar se determinado meio “aplica” os “preceitos” de um jornalismo ambiental. Mas que preceitos são esses? Na falta de maior tensionamento, escapa ao olhar uma distinção que parece haver entre o que parte do campo entende por jornalismo ambiental e o que, na prática, tem sido um jornalismo “sobre meio ambiente”.

4. Em estudo recente de obras de referência sobre jornalismo e meio ambiente no Brasil e em Portugal, Barros e Sousa (2010) indagam sobre uma possível exigência do jornalismo ambiental por processos mais complexos em seu fazer. Para muitos, jornalismo ambiental sugere uma prática engajada, “diferente” do que se convencionou em algumas especializações. Isso pode ser depreendido das conclusões do estudo citado e, segundo os autores, a perspectiva da complexidade (MORIN, 2003) é um caminho para esta definição.

Sublinhamos aqui a necessidade de emergência de uma racionalidade ambiental, entendida por Leff (2006) como ponto central para a construção de soluções para as problemáticas globais. Sugerimos um exercício de fluência e trama dialógica das diferentes vozes do tecido social (MEDINA, 2008), incorporando elementos que ultrapassem os polos emissores tradicionais. Tal visão nos leva a pensar na ótica de superação das ausências de que fala Santos (2007), ao propor uma “ecologia dos saberes” e uma rea-

valiação sobre o que, no modo de pensar ocidental, tem sido sistematicamente deslegitimado. Assim, o conceito e a prática do jornalismo ambiental, tal como pensamos ser solicitado pelo tempo presente, passam pela elevação de sua potencialidade "geradora", como expomos no final do texto.

Antes de recuperar elaborações sobre o conceito, cabe marcar a compreensão de jornalismo na qual se inscreve a reflexão proposta. Nela, uma atitude de alteridade é, marcadamente, o elemento primordial para o fazer, tal como defende Medina (2008), ao argumentar pelo fim da negligência do outro, em todas as dimensões que esta noção congrega. À sombra de uma pretensa objetividade, as negligências pavimentam-se em práticas duras, fechadas aos apelos da informação das ruas, do próprio entorno, como também debate Resende (2003), ao identificar uma unilateralidade que não reconhece a natureza processual da comunicação e faz imperar narrativas oficiais e uma lógica de apagamento das revoluções naturais da dinâmica sociocultural.

Por esta atitude, só pode operar o que satisfaz aos esquemas regulares, como se as narrativas "do outro e do mundo que o contém se encerrassem nesses dados objetivos" (MEDINA, 2008, p. 63). Na mesma via, Lima (2004) discute as limitações do jornalismo "convencional" e seu permanente esquecimento do agir e pensar sistêmico, por meio do qual seria possível vencer o reducionismo característico. De olhos semicerrados, acaba-se negligenciando o potencial do jornalismo como importante forma de conhecer e conhecer-se no mundo, afirma o autor.

Uma pista para um futuro possível, somadas as críticas destes autores, deságua na mesma linha

da proposta de caráter interdisciplinar de Capra (1982). Em tal proposta, a chamada consciência social e coletiva passa pela superação do modo de pensar fragmentário, rumo a um tipo de jornalismo alargado, sintonizado com paradigmas emergentes.

Caminhos

Não há uma definição consensual sobre jornalismo ambiental e o que afeta diretamente sua prática. Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada.

O referencial teórico tomado como base, defende uma discussão ampla sobre a qualidade das informações a respeito do meio ambiente. Por isso, concordamos com Bueno (s/d) ao afirmar que o jornalismo ambiental anseia por um conceito

que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro) e que não se apoie no jornalismo cultural, quase sempre tipificado pelo diálogo surdo das elites. (BUENO, s/d).

Bacchetta (2000), em linha semelhante, destaca que o jornalismo ambiental ultrapassa o jornalismo científico porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões. No cerne destas posições críticas está a incorporação da visão sistêmica, ou seja, a relação primordial do todo e das partes, sem isolá-las. Este pensamento sinaliza o rumo que adotamos ao refletir sobre uma proposta de jornalismo ambiental, mais adiante, também em filiação à perspectiva da complexidade. Trata-se, segundo Morin (2003), de um pensamento radical, multidimensional, organizador e ecologizado (considera a relação eco-organizadora), o que demanda a ampliação do número de fontes, a profundidade do conteúdo, a abordagem qualificada e plural, inerentes ao compromisso social, eixo primordial do fazer jornalístico.

Tais perspectivas são apresentadas também por outros autores. Moraes, ao refletir acerca da especialização, conclui que o jornalismo ambiental deve buscar “sua melhor estruturação teórico-prática, a começar pelo aprofundamento do debate sobre seu papel na sociedade atual” (2008, p. 8), uma vez que as demandas por uma alternativa de futuro para o planeta estabelecem um compromisso “educativo” e “transformador” da informação. Em proposta semelhante, Campos (2006) afirma que, já no ensino do jornalismo ambiental, é necessário pensar uma alfabetização ecológica³ dos jornalistas. Para isso, a abordagem sistêmica é inevitável:

aprender a “pensar o todo” é mais que uma disciplina,
é uma gnosiologia, é um método de procedimento

³ Sugerindo que a ética do cuidado é condição de vida (CAPRA, 2003).

que pode e deve ser aplicado não apenas em relação ao meio ambiente, mas em relação a tudo o mais na vida. (CAMPOS, 2006, p. 65).

O modo como o jornalista se relaciona com o mundo adquire alta relevância.

De uma oferta de informação ambiental desconexa, a sociedade precisa ser confrontada com a abordagem sobre os fatores que, interligados, dão origem aos graves problemas socioambientais na construção da cidadania ambiental⁴. Nos estudos da área, é recorrente considerar que a divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia a dia e serve como motivação para a busca de alternativas. Esta questão é processual, cumulativa, tal como vêm demonstrando as pesquisas do Instituto de Estudos da Religião (Iser)⁵, em conjunto com o Ministério do Meio Ambiente, denominadas O que o brasileiro pensa do meio ambiente (1997, 2002, 2005). As estatísticas sugerem um aumento percentual da conscientização sobre os problemas ecológicos, sem reduzir, todavia, a preocupação dos próprios coordenadores da sondagem em relação ao maior peso de soluções pragmáticas ou pontuais. Persiste, para muitos, a ideia de “ecologia” como sinônimo de fauna e flora (CRESCO, 2003).

Em outro levantamento do Iser (CRESCO e VILLELLA, 2008), é tematizada a opinião de lideranças brasileiras⁶ sobre mudanças climáticas e o engajamento do Brasil. Jornalistas de veículos de expressão

⁴ Que implica responsabilidades partilhadas na busca de uma sociedade sustentável, um convite à modificação de modos de vida (WALDMAN, 2003).

⁵ Disponível em <<http://www.iser.org.br/>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

⁶ Duzentos e dez entrevistados de 11 estados.

nacional (TV, rádio e impressos) aparecem como o segundo grupo mais bem posicionado sobre a relevância do tema. Os profissionais entrevistados colocam-se como “aprendizes” sobre ambiente, reconhecendo um papel de formação e conscientização por parte do jornalismo, mas se vendo, entretanto, como

reféns da lógica do noticiário, que se alimenta de novidades e de eventos dramáticos. Ainda assim, a maioria dos entrevistados se sente pessoalmente mobilizada e acredita que a problemática vem ganhando cada vez mais espaço no setor, tendência que deverá perdurar. Acreditam ainda que, do mesmo modo com que surgiu um jornalismo especializado em questões ambientais, o mesmo deverá ocorrer com mudanças climáticas. (CRESCO e VILELLA, 2008, p. 8).

A questão aparece, ainda, em levantamento recente da BBC World. Os dados trazem a população brasileira como a mais preocupada (87%) com a mudança climática em um conjunto de 21 países, algo que a Revista Imprensa (2009), em edição especial sobre a cobertura do assunto no Brasil, atribui ao trabalho jornalístico.

Como propõe Sorhuet Gelós (2003), o jornalista é o mediador social por excelência, e seu trabalho deve ser comprometido. A qualidade da mediação entre as fontes e o público está relacionada ao grau de questionamento, argumentação e exploração das obviedades e consensos estabelecidos. Da exposição dos fatos passamos ao processo de explicá-los, relacioná-los. Uma atividade diferenciada, segundo demarca John:

Cabe ao jornalista ambiental explicar novos conceitos, técnicas e tecnologias e descobrir que relação têm

elas com a destruição ou preservação dos recursos naturais; com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais. (2001, p. 88).

Segundo a jornalista, uma pauta não é aula de ecologia, nem deve ser espetacularizada, devendo atrair o leitor com boas chamadas, ter um lead convidativo, fotografias interessantes e explorar os vínculos entre realidades distintas. Por isso, reiteradas vezes encontramos apelos para que os responsáveis pela cobertura de meio ambiente busquem conhecimento prévio, reduzindo o risco de serem meros porta-vozes de suas fontes e reprodutores de pretensos consensos oficiais.

Descaminhos

A abordagem mais recorrente da questão ambiental não encerra as preocupações em torno do espaço jornalístico para o tema. É desafiante pensar o meio ambiente para além de uma editoria especializada no tema. Em pesquisa realizada junto às editorias de "Geral" dos jornais Correio do Povo e Zero Hora, Massierer (2007) mostra que as matérias ambientais tinham o mesmo tratamento das demais, sendo publicadas de forma isolada. Levando em conta as rotinas produtivas, poucos espaços eram destinados ao tema, normalmente subordinados a critérios políticos e econômicos. Na época, o editor-executivo de Zero Hora afirmava que o interesse do público pelo meio ambiente era baixo, determinando o espaço dado.

Um dos repórteres entrevistados, entretanto, pontuou que assuntos ambientais de grande repercussão

suscitavam a manifestação do leitor. Isso pode ser visto na cobertura realizada pelos dois jornais sobre a mortandade de peixes em desastre ambiental que aconteceu no Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, em outubro de 2006, observada na pesquisa. O fato atraiu a imprensa nacional, deixando as redações dos dois jornais em alerta para evitar “furos”. As condições técnicas se alteraram, pois a pauta foi considerada de interesse público, tendo prioridade nos deslocamentos e disponibilização de fotógrafos para a cobertura. Vale ressaltar que esta situação fugiu da normalidade, já que este foi um acidente sem precedentes no estado, e que o assunto saiu da pauta quando deixou de ter conotação factual.

Como reflexo último da observação, aparece uma reiterada crítica nas pesquisas sobre meio ambiente na imprensa: a falta de abordagem sistemática, e não apenas motivada por eventos ou catástrofes. Outro estudo, de Campello e Freire (2007), ao analisar a Gazeta de Sergipe (1972 a 1992), concluiu, em perspectiva semelhante, que o debate ambiental ganhou espaço neste jornal à medida que as discussões ambientalistas, no plano nacional e internacional, repercutiram globalmente.

Já em investigação realizada com o caderno “Ambiente”, do Zero Hora, sobre a cobertura da temática do aquecimento global, no período de 2003 a 2006, Baumont, Girardi e Pedroso (2008) constataram que, embora os aspectos abordados pudessem contribuir para a “formação” do leitor, as matérias pecaram em vários aspectos. Por se tratar de um suplemento mensal, esperava-se que a reportagem tivesse destaque. O predomínio, no entanto, era do enfoque noticioso, cujo reducionismo não permitia a

contextualização. A complexidade inerente ao tema acabava negligenciada. Em análise do mesmo espaço, porém, enfocando o tema da sustentabilidade, Girardi, Pedroso e Baumont (2011) observaram a não diversificação das vozes, revelando um jornalismo essencialmente refém das fontes oficiais, especialmente dos campos econômico e político, além do tom fragmentário, constatação que também aparece em outras pesquisas consultadas⁷.

Em investigações sobre revistas especializadas na cobertura de temáticas ambientais encontramos discursos não ecológicos que se mesclam àqueles primordialmente identificados ao tema. Sua ocorrência não é lida como algo com o intuito de enganar os leitores, mas no entendimento de que não existem discursos puros: eles sofrem ressignificações a todo tempo, transformando-se em discursos outros. Um exemplo é identificado pelo trabalho de Loose (2010) sobre as revistas *Terra da Gente*, *Mãe Terra*, *Sustenta!* e *Aquecimento Global*, nas quais aparecem engendrados discursos de ordem naturalista (o homem está longe do ambiente), ecossocial (relação harmoniosa entre bem-estar social e sustentabilidade do planeta) e ecotecnocrática (o ambiente serve como recurso para o crescimento econômico), embora suas perspectivas sejam diferentes e até mesmo antagônicas.

A mistura traz, como motor, um fator de mercado. A questão econômica tem sido apontada por diferentes trabalhos como um dos elementos que mais influenciam a cobertura ambiental. Em detrimento de um bem-estar coletivo está o predomínio da racional-

⁷ Sousa, Barreto e Rocha (2007) falam da dramatização, superficialidade e espetacularização como características da abordagem sobre meio ambiente nos telejornais da Rede Globo, por exemplo.

dade economicista, fundamentada no elogio da produtividade e da eficiência como parâmetros globais.

Apesar da atenção crescente aos fatos ambientais, raros são os veículos dispostos a construir uma equipe e explorar essa potencialidade. Editorias de política, economia e esportes ainda alavancam maiores equipes e são o foco de interesse. Incorporar a variável ambiental nestes grupos, contudo, é um processo difícil e longo. A situação é antiga e não é exclusiva da imprensa brasileira. Hannigan (1995) declara que, nos Estados Unidos, a preocupação com a conservação já existia desde 1880, todavia o dogma central do ambientalismo – de que tudo está ligado, conectado –, seguiu negado pelo jornalismo. Em sua análise da imprensa estadunidense, o sociólogo localiza os assuntos tratados como problemas locais. A cobertura inicial era pontual e bastava-se com as respostas do tradicional lead e relatos dos “especialistas”.

Há cerca de trinta anos a ecologia não participava da agenda jornalística, exceto por poucas iniciativas. Quantitativamente, já é possível perceber alterações substanciais nesse quadro. No estudo *Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira*⁸, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância monitorou 50 jornais diários, entre 2005 e 2008, e comprovou crescimento do espaço dedicado a problemas como efeito estufa, fontes de energia, consequências das alterações do clima e estratégias para mitigá-las. Este aumento pode ser entendido pelo que sugere a pesquisa de Barros e Sousa (2010), ao discutir a conformação atual das agendas ambientais nacionais em

⁸ Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

estreita relação com os reflexos da degradação ambiental sentidas em todos os lugares. A via é de mão dupla e, dizem os autores, a agenda global também determina um novo olhar para as ações locais e as põe no cenário de forma inédita.

Trata-se do começo da institucionalização de uma preocupação central para o jornalismo: como verdadeiramente incorporar o adjetivo “ambiental” em seu fazer e dar conta da emergência do tema e seus múltiplos desdobramentos. Reconhecer essa necessidade abre precedentes para repensar a prática.

Na proposição de um caminho, Leff aponta a necessidade de se buscar uma racionalidade ambiental, construída “no contexto e contrafluxo da racionalidade capitalista dominante em todas as ordens da vida social” (2006, p. 136). Nesta concepção, o meio ambiente deixa de ser mero recurso e passa a ser compreendido como potencial criativo, no qual se articulam e se renovam saberes e conhecimentos. É uma racionalidade que “conjuga uma nova ética e novos princípios produtivos com um pensamento da complexidade que questiona as ciências para incorporar o saber ambiental emergente” (LEFF, 2001, p. 250). Desta racionalidade partiria uma mudança nas redações, para que meio ambiente passasse de exceção a tema transversal no fazer jornalístico.

Algumas considerações para avançar

Ainda estamos consideravelmente separados de uma abordagem que incorpore a variável ambiental em todos os aspectos. Em sua complexidade é que residem os desafios a serem enfrentados.

Um exemplo: mesmo diante de tantas evidências acerca dos problemas ambientais globais, muitas

das questões que envolvem as soluções para causas de degradação permanecem sendo alvo de questionamento, por terem uma forte vinculação como opção ético-política. A significação dos dizeres em torno da questão ambiental coloca-se muito em busca da resposta mais legitimada, em especial de caráter científico, diante dos temas. Neste jogo, acabam tendo o mesmo peso o clamor do coletivo de cientistas que formam o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)⁹ e as declarações dos céticos para desacreditar os dados construídos pelos pesquisadores, como questiona Leite (2010)¹⁰. Os apelos por mudanças de atitude, nos quais ecoam marcas históricas da luta ambientalista, acabam tendo a mesma desqualificação.

Tais situações podem ser compreendidas a partir do que Santos (1999) identifica como desdobramentos dos axiomas da pós-modernidade, sendo o primeiro deles a hegemonia que a racionalidade científica assumiu ao transformar os problemas éticos e políticos em problemas técnicos. Ainda segundo Santos, se tal transformação não é possível, “uma solução intermediária é buscada: a transformação dos problemas éticos e políticos em problemas jurídicos” (SANTOS, 1999, p. 321). Outro axioma, por sua vez, sublinha a crença no progresso, traduzido como “um desenvolvimento infinito alimentado pelo crescimento econômico, pela ampliação das relações e pelo desenvolvimento tecnológico” (ibid.).

Para a concretização da prática da qual estamos falando, o jornalismo, como atividade social, deve libertar-se do paradigma cartesiano, baseado

⁹ Estabelecido pelas Nações Unidas em 1988.

¹⁰ Disponível em: < <http://migre.me/7vnSb> >. Acesso em: 23 mar. 2011.

na segmentação, na compartimentalização e no isolamento das partes (cf. MEDINA, 2008), para que seja possível dar suporte às novas ideias que englobam o contraditório e suas ambiguidades. A possibilidade abraça a transdisciplinaridade e a superação do simplificado. O paradigma da complexidade ajuda a pensar a questão ambiental em sua completude, as conexões e tensões. Segundo Muniz, a complexidade ambiental implica uma “revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma transformação do conhecimento e das práticas educativas, para com isso construir um novo saber que oriente a construção de um mundo sustentável, democrático e menos desigual” (2009, p. 26).

É dessa compreensão ampla, sistêmica e integrada que deriva a proposta de jornalismo ambiental aqui buscada. Ela está calcada na complexidade, podendo ser assimilada a partir da concepção dos desdobramentos temáticos como geradores de debate, em sintonia com a proposta da “ecologia dos saberes” de que fala Santos (2007).

Compreendemos, deste modo, que em jornalismo ambiental tudo é informação, incluindo o próprio ambiente, o espaço e as diferentes manifestações que abriga. Este pressupõe uma prática que, partindo do tema ecológico, englobe os vários matizes nos quais este tema se desdobra, suas diversas tematizações possíveis, nas quais o jornalismo fala das e deixa falar as diferentes vozes.

Por esta visão, traçamos um diálogo com um pensamento de Freire (2005), que primeiro aplica as noções de conscientização e concientizar na pedagogia. É dele a proposta dos “temas geradores”, em consonância com seu apelo pela superação do

dogmatismo no ensino e valorização do universo temático que emerge na prática (no seu caso, na consideração das classes populares no processo). Para Freire, a educação configura-se numa proposta transformadora quando superada a prática depositária, abrindo-se a temas não como elementos rígidos, mas potenciais que geram uma diversidade de subtemas, multiplicidades que passam a orbitar a partir do diálogo aberto. Assim, como na educação, tal proposta pode ser incorporada ao jornalismo pelo seu potencial de percepção das dimensões significativas da realidade, considerando as diversas leituras possíveis: ideias, concepções, conflitos, saberes; uma interação dialética de singularidades, oposições e possibilidades.

O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes:

O universo é dinâmico. E cada peça do tabuleiro interage com as outras. Compreender e praticar a visão sistêmica são rudimentos importantes no exercício do jornalismo. E essa predisposição em enxergar sistemicamente será de grande valia na descoberta de novas pautas ou na abordagem mais completa dos mesmos assuntos. Em última instância, o que se pretende é qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve. (TRIGUEIRO, 2005).

Trigueiro sinaliza para a existência de um impulso que move o fazer jornalístico, voltado à produção e divulgação de informações ambientais qualificadas, com potencial para contribuir com o processo de tomada de decisão do cidadão. Essa é uma vontade diretamente relacionada à ética do cuidado proposta por Boff (1999), na qual o respeito, a solidariedade e a justiça são pilares. A prática do jornalismo ambiental precisa incorporar a participação, elemento central do nosso tempo, em que os cidadãos têm a possibilidade de serem incluídos mais fortemente na discussão da vida social, trazendo luzes para as preocupações ambientais. A atuação no on-line também deve receber atenção, dadas as suas possibilidades.

De forma complementar, podemos aliar os preceitos do jornalismo cívico ou público, e do literário, que nos ajudam a pensar em formas ampliadas do fazer jornalístico. Nesta fusão, as temáticas ambientais podem ser incorporadas em sua complexidade, com maior aprofundamento e aproveitando a potencialidade da crescente preocupação social na busca por soluções para os dilemas da crise ambiental planetária. Assim, o jornalismo ambiental reconhece os princípios do jornalismo científico, mas ultrapassa-o ao se propor sistêmico e complexo, fundamentado em uma ética e em uma cidadania ambiental, a ponto de sugerir que o ambiental, em sua transversalidade, “contamine”, ainda, as demais editoriais. O jornalista ambiental inicia este processo e tem o papel de buscar as inter-relações esquecidas nos diversos discursos.

Referências

BACCHETTA, V. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, V. L. (Ed.). **Ciudadanía planetaria**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18-21.

BARROS, A. T. de; SOUSA, J. P. **Jornalismo e ambiente**: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010.

BAUMONT, C.; GIRARDI, I. M. T.; PEDROSO, R. N. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática do aquecimento global no caderno Ambiente do jornal Zero Hora. In: GIRARDI, I. M. T.; SCHWAAB, R. (Orgs.). Jornalismo ambiental: desafios e reflexões. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

BOFF, L. Ética do cuidado. Brasília: Letraviva, 1999.

BUENO, W. Jornalismo ambiental: navegando por um conceito e por uma prática. s/d. Disponível em: <<http://migre.me/7vkIC>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

CAMPELLO, L.; FREIRE, E. Impressões do meio ambiente na Gazeta de Sergipe (1972-1992): uma contribuição metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 5., 2007, Aracaju. Anais... Aracaju: 2007.

CAMPOS, P. C. A percepção do tema ambiental na Universidade: por um ensino de jornalismo capaz de romper paradigmas. Comunicação e Espaço Público (UnB), v. 1-2, p. 07-22, 2006.

CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.). Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CRESPO, S. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CRESPO, S.; VILELLA, M. R. O que as lideranças brasileiras pensam sobre mudanças climáticas e o engajamento do Brasil. Relatório de divulgação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/7vkJC>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIRARDI, I. M. T.; PEDROSO, R. N.; BAUMONT, C. C.. Jornalismo e sustentabilidade: as armadilhas do discurso. In: GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; BAUMONT, C. C. (Orgs.). Ecos do planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

JOHN, L. Imprensa, meio ambiente e cidadania. **Revista Ciência e**

Ambiente, Santa Maria, UFSM, v. 23, p.87-94, julho-dez 2001.

LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

LEFF, E. Saber ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEITE, M. Céticos de meia-tigela. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 ago. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloleite/755531-ceticos-de-meia-tigela.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

LIMA, E. P. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOOSE, E. Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21591>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

MASSIERER, C. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente: um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/10991>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

MEDINA, C. Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MORAES, C. H. Jornalismo ambiental: dilemas de uma quase especialidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 6., 2008, São Bernardo do Campo. Anais... São Bernardo do Campo, 2008.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MUNIZ, C. **Jornalismo ambiental: conceitos e especificidades**. 2009. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22309>>. Acesso em: 05 jul. 2010.

RESENDE, F. Ausências na comunicação social e no jornalismo: a lógica da rua. Oficina do CES, Coimbra, Portugal, n. 197, p. 01-29, 2003. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/197/197.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

REVISTA IMPRENSA. São Paulo: Imprensa Editorial. Ano 23, n. 252, dez. 2009.

SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, B. S. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

SORHUET GELÓS, H. El mediador social deste siglo. Tópicos en Educación Ambiental, México, Samanarp-Unam, v. 3, n. 9, 2003.

SOUSA, A.; BARRETO, B.; ROCHA, M. Televisão e meio ambiente: os cenários de futuro sobre o aquecimento global na abordagem dos telejornais da Rede Globo. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 5., 2007, Aracaju. Anais... Aracaju: 2007.

TRIGUEIRO, A. Formando jornalistas para um mundo sustentável. 2005. Disponível em: <<http://www.mundosutentavel.com.br>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

WALDMAN, M. Natureza e sociedade como espaço de cidadania. In: PINSKY, J.; BASSANEZI, C. (Orgs.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.